

SÄCHSISCH: A RELAÇÃO PARADOXAL DO ALEMÃO COMO LÍNGUA PLURICÊNTRICA FRENTE AO ESTIGMA DO DIALETO SAXÃO

Luiza Xavier Freire*

Resumo: Este artigo tem como fim apresentar o contexto de formação da língua alemã, destacando suas fases e respectivas características, assim como delinear a centralidade da personalidade emblemática de Martinho Lutero no processo de unificação do idioma. Propõe-se, finalmente, denotar a relação contraditória entre a pluralidade dialetal oriunda do desenvolvimento do alemão frente à progressão do preconceito e da estigmatização do dialeto *Sächsisch*, considerada a língua de Lutero, desde a Guerra Franco-Prussiana até após a queda do Muro de Berlim. Pretende-se, nesta dissertação, promover uma análise qualitativa de tais processos e suas consequências na atualidade contextual sociolinguística da Alemanha, mais especificamente em relação ao estado da Saxônia.

Palavras-chave: Alemão. Martinho Lutero. *Sächsisch*. Dialeto. Estigma.

Abstract: This article aims to present the formation context of the German language, focusing on its phases and its respective characteristics, also portraying the centrality of Martin Luther's emblematic figure in the language unification process. It is stated, finally, to denote the contradictory relation between the dialect diversity originated in the German development and the growing progression of prejudice and stigmatization of the *Sächsisch* dialect, also considered as Luther's language, from the Franco-Prussian war until after the fall of the Berlin Wall. It is intended to promote in this dissertation a qualitative analysis of said processes and its consequences in the current German sociolinguistic context, more specifically in regard to the state of Saxony.

Keywords: German. Martin Luther. *Sächsisch*. Dialects. Stigma.

Zusammenfassung: Dieser Artikel zielt darauf ab, den Kontext der Bildung der deutschen Sprache, ihrer Phasen und jeweiligen Charakteristika darzustellen, und die Zentralität der emblematischen Figur Martin Luthers im Prozess der Sprachvereinigung zu porträtieren. Es wird vorgeschlagen, um sowohl das paradoxe Verhältnis zwischen der Dialektenvielfalt, die ursprünglich Ergebnis der Entwicklung des Deutschen worden ist, als auch die Progression der Vorurteilen und Stigmatisierungen gegen des Sächsischen, die auch als Luthers Sprache bezeichnet wird, seit dem Deutsch-Französischen Krieg bis zum nach dem Fall der Berliner Mauer, anzugeben. Es wird in dieser Dissertation beabsichtigt, eine qualitative Analyse diejeniger Prozessen und ihre Konsequenzen im heutigen soziolinguistischen Zusammenhang in Deutschland, mit spezifischer Aufmerksamkeit im Bezug des Freistaat Sachsens.

Stichwörter: Deutsch. Martin Luther. Sächsisch. Dialekte. Stigma.

Introdução

Neste artigo, apresentar-se-á de maneira qualitativa um panorama da formação da língua alemã ao longo da história, as fases de seu desenvolvimento – nomeadamente as eras do *Germanisch* ou *Voralthochdeutsch*, *Althochdeutsch*, *Mittelhochdeutsch*, *Frühneuhochdeutsch* e *Neuhochdeutsch* – com ênfase na atuação fundamental de Martinho Lutero, historicamente localizado no período do *Frühneuhochdeutsch* no estabelecimento da unidade linguística alcançada posteriormente, e no contexto sociolinguístico contemporâneo do *Neuhochdeutsch*.

*Graduanda do Bacharelado de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET-RJ/Campus Maracanã. luizaxavierfreire@outlook.com.

Para além da contextualização histórica, discutir-se-á também o *status* do alemão como língua pluricêntrica dado por Ammon, possuindo diversas variações consideradas *standard* ou norma padrão, assim como a existência oficializada de numerosos dialetos. Nesta linha de raciocínio, pretende-se abordar a relação interdialeto e os processos de influência da Guerra dos 7 anos e da secção do território alemão entre a Alemanha Ocidental e a Oriental na Guerra Fria para a estigmatização do dialeto saxão (*Sächsisch*), o qual era falado por Lutero, personalidade que contribuiu para a ascensão de tal dialeto para o eventual *status* de norma padrão. Sendo assim, dar-se-á atenção aos níveis e formas de discriminação que ainda ocorrem contemporaneamente a este dialeto e seus efeitos na sociedade saxônia da Alemanha atual.

Origem da língua alemã

A língua alemã teve seu desenvolvimento paulatino desde cerca de 2000 a.C., período que foi marcado, até aproximadamente o ano de 500 a. C., pela chamada ‘*erste Lautverschiebung*’, o primeiro processo de mudança consonantal nas línguas germânicas, que se distanciaram de sua raiz indo-europeia. As mudanças consonantais foram responsáveis por transformações ocorridas na fonética da fase de desenvolvimento do idioma alemão denominada de *Germanisch* (germânico) ou *Voralthochdeutsch* (Pré-Alto Alemão Antigo)¹.

A partir de processos naturais de metamorfose da língua, considera-se que em cerca do ano de 750 inicia-se uma nova mudança consonantal no que até então era o alemão embrionário. Nesta nova transformação linguística, iniciou-se o paulatino estabelecimento de uma crescente norma padrão (*Hochdeutsch* ou, literalmente, alto-alemão) em detrimento da língua fora dos parâmetros da norma *standard* (*Niederdeutsch* ou baixo-alemão), período que durou até por volta de 1050 e em que a forma da língua foi denominada de Alemão Antigo (*Althochdeutsch*). Esta era linguística possui como singularidades a adoção de tremas em seu corpo lexical e os diversos empréstimos de palavras advindas principalmente do grego e do latim, geralmente termos atrelados à esfera religiosa (SAVEDRA, 2011, p. 280).

Em sequência, após mudanças sociais e territoriais, em que a língua alemã foi se expandindo no que tange à esfera geográfica, devido aos processos colonizatórios e anexações em meio a conflitos, assim como no número de falantes, novas mudanças ocorreram. Evidencia-se, neste contexto, o início da crescente abrangência tanto de variações linguísticas,

¹ Neste artigo, utilizar-se-á o termo “alto-alemão” como sinônimo de norma padrão da língua alemã, apesar da controvérsia e inconclusão da definição exata do que se considera a norma *standard* de uma língua (KELLERMEIER-RHEBEN, 2013, p. 3-4).

quanto da territorialização do idioma alemão, o que posteriormente se mostrará como o cerne do adquirento do *status* de língua pluricêntrica (AMMON, 1995, p. 1-10). Nesse sentido, o intervalo conhecido posteriormente como *Mittelhochdeutsch*, ou médio alto-alemão, datou de entre os séculos XII e XIV, e caracterizou-se pelo início e expansão da literatura alemã, concorrendo com o latim no âmbito das produções artístico-literárias. Como exemplo de câmbios ocorridos na língua no período designado, tem-se o surgimento de fonemas mudos e, mais contundentemente, “a introdução de estrangeirismos do latim, do italiano, de algumas línguas eslavas e orientais [...]” (SAVEDRA, 2011, p. 282).

A fase seguinte, conhecida como *Frühneuhochdeutsch*, é considerada por Savedra um período de transição entre o alemão médio e o alemão novo (*Neuhochdeutsch*), fato que não encontra consenso na academia, compreendido pela língua contemporânea como é utilizada hodiernamente (SAVEDRA, 2011, p. 282). Neste intervalo de transição, tem-se como destaque a atuação de Martinho Lutero como promotor de uma revolução linguística, uma vez que, ao traduzir a Bíblia para a língua alemã, encadeou-se também o processo de fundação de uma sociedade alemã (*Vergesellschaftung*) pautada na unificação linguística em seu território (SOLMS, 2001, p. 37). Desta maneira, compreende-se que Lutero se encontra como pilar não só na constituição de uma língua definitivamente unificada, como também no estabelecimento do embrião de povo alemão (*Volk*) que se tornaria posteriormente, entre 1870 e 1871, o Estado independente da Alemanha.

No que tange ao processo de unificação linguística alemã, Lutero se utilizou de uma linguagem abrangente, captando léxicos de diversos dialetos pertinentes ao território alemão, de forma que todo o conteúdo fosse compreendido por qualquer indivíduo germano-falante, independentemente de região e/ou dialeto a que pertence. Segundo Solms,

Essa é a situação no início do século XVI: não existe a língua alemã unificada, apenas muitas variantes; o *Volk* ainda não forma uma comunidade de comunicação. É nesse contexto que começa a agir o efeito provocado por Lutero: na sua tradução da Bíblia para o “alemão”, ele coletou sugestões de todas as regiões diferentes e criou um equilíbrio entre as variantes. A partir da abundância de material lexical, sintático e estilístico, ele cria concomitantemente uma forma linguística que se faz entender igualmente a pessoas das origens regionais mais distintas e que possuem arcabouços intelectuais diferentes, de forma que a palavra da Bíblia, anteriormente desconhecida a elas, seja entendida não só formalmente, mas que seja completamente compreendida. Dessa maneira, ele contribui contundentemente para que uma comunidade comunicacional abrangentemente regional e social pudesse se desenvolver para construir um “*Sprachvolk*”, um povo unificado pela língua. (S, 2001, p. 43, tradução minha)²

² “Dies also ist die Situation im frühen 16. Jahrhundert: Es existiert kein einheitliches Deutsch, nur vielfältige Varianten; noch bildet das Volk keine Kommunikationsgemeinschaft (s. o.). Hier nun setzt die Wirkung Luthers

Sendo assim, ressalta-se que a democratização da leitura da Bíblia, permitida por Lutero, assim como pelo advento da imprensa móvel de Johannes Gutenberg, revolucionou o *status* do alemão não como fragmentado em dialetos distintos, variados e independentes entre si, mas sim como língua unificada que representa um povo com cultura conjunta determinada, ainda que se preservem aspectos dialetais e regionais no que tange também à cultura do *Volk*. Como aponta Scherer, “A Bíblia luterana foi a escritura decisiva na construção de uma cultura e de uma língua alemã unificadas. Nós ligamos a Lutero a nossa unidade nacional como os italianos o fazem com Dante³.” (SCHERER, Wilhelm, *apud* SOLMS, Hans-Joachim, 2001. p. 38, tradução minha), ou seja, foi o que finalmente levantou o senso de compartilhamento do pilar de uma comunidade: a língua, formando o que se considera a *Kommunikationsgemeinschaft* ou comunidade comunicativa (SOLMS, 2001, p. 37), na qual uma sociedade unificada se baseia.

Atualmente, por conseguinte, a forma vigente do idioma alemão é conhecida como o *Neuhochdeutsch* (alemão novo), a qual se considera que teve início aproximadamente em meados de 1600 (SAVEDRA, 2011, p. 284). Tendo em vista que línguas são vivas e produto de relações sociopolíticas em um determinado tempo-espço, é evidente que o alemão contemporâneo se difere em diversos pontos daquele falado no século XVII. Entretanto, por não ter havido nenhuma nova revolução linguística como a primeira e a segunda mudanças consonantais (*erste und zweite Lautverschiebungen*) dos séculos V a.C. e VII d.C., tampouco movimentos como o de Lutero, estabelece-se que a era do novo alemão ainda se encontra em vigor. Não obstante, nota-se de forma contundente que transformações diárias ocorrem no idioma devido a diversos fatores como influências externas de outras línguas, estrangeirismos, empréstimos lexicais intensificados pelas tecnologias de comunicação e próprios eventos internos que provoquem alterações no vernáculo germânico.

ein: In seiner Bibelverdeutschung nimmt er Anregungen der unterschiedlichsten regionalen Herkunft auf und schafft so einen Ausgleich zwischen den Varianten. Aus der Fülle des lexikalischen, des syntaktischen und stilistischen Materials erschafft er zugleich eine sprachliche Form, die die Menschen unterschiedlichster regionaler Herkunft und unterschiedlicher Literarizität gleichermaßen anspricht und sie das biblische Wort in einer bis dahin unbekanntem Weise nicht nur formal verstehen, sondern durch und durch begreifen lässt. Damit trägt er wesentlich dazu bei, dass sich nun eine regional und sozial übergreifende Kommunikationsgemeinschaft herausbilden kann, dass sich ein Sprachvolk herausbilden kann.” (SOLMS, 2001, p. 43).

³ “Die Luthersche Bibel war die entscheidende That zur Begründung einer einheitlichen deutschen Cultur und Sprache [...]. Wir knüpfen an Luther unsere nationale Einheit wie Italien die seinige an Dante. [...]” (WILHELM *apud* SOLMS, 2001. p. 38).

***Hochdeutsch*: norma padrão e variantes do alemão como língua pluricêntrica**

Contemporaneamente, há diversas discussões acadêmicas e paradigmas adotados no que tange à concepção exata do que é considerado “norma padrão” ou “norma *standard*” de uma língua. Apreende-se que esta denominação pode ser de extrema problematização, uma vez que é conceituado frequentemente, em especial por leigos, neste caso em relação à língua alemã, como “o que é o ‘alemão certo e bom’” (KELLERMEIER-REHBEIN, 2013, p. 3, tradução minha), desconsiderando a língua vernacular, suas diversas variações e seus dialetos como uso inválido ou errôneo do idioma.

No que diz respeito a estudiosos da Linguística, determina-se que não há consenso na delimitação do que seja “norma padrão” e enfatiza-se o uso do termo “variação *standard*” e sinônimos (KELLERMEIER-REHBEIN, 2013, p. 3-4). Por outro lado, do ponto de vista de leigos falantes do alemão, tem-se comumente a utilização do termo *Hochdeutsch* ou alto-alemão como similar ao que se considera norma culta, ou seja, designa o alemão previsto nas gramáticas normativas que compõem e estruturam tal idioma.

Entretanto, em situações em que há o emprego de uma determinada língua em mais de um Estado com *status* de língua oficial, ocorrem naturalmente variações linguísticas em que, quando em comparação entre si, se diferenciarão com determinadas características de cada cultura e relação sócio-espaço-temporal de cada país, uma vez que a identidade e a autocompreensão de um indivíduo são pautadas com base em sua língua materna, ainda que se possa ter mais de uma (SOLMS, 2001, p. 39).

Tratando-se do caso germânico, é sabido que o alemão é falado oficialmente – e determina-se, neste artigo, língua oficial como o idioma falado pela maioria populacional em escala nacional ou regional e que seja utilizado também como ‘língua governamental’⁴ – na Alemanha, Áustria, Suíça, Tirol do Sul, no leste da Bélgica, em Liechtenstein, Luxemburgo e outros (AMMON, 1995, p. 1). Desta maneira, levando em conta as particularidades socioculturais de cada território citado, há, pois, diferentes variações de uma mesma língua, porém todas consideradas dentro do padrão *standard*. Em outras palavras, pelo fato de haver distinções na língua que não são contundentes o bastante para serem ponderadas como idiomas distintos, observa-se o fenômeno de variações consoantes ao que se considera a norma *standard*. Devido a esta singularidade, o alemão é considerado uma língua

⁴ Para Ulrich Ammon, a língua governamental é o idioma pelo qual o Estado se comunica oficial ou co-oficialmente (ao lado de outras línguas consideradas oficiais em tal país) para com seu próprio país e/ou em relação ao exterior, assim como entre seus órgãos políticos (AMMON, 1995, p. 12).

pluricêntrica (AMMON, 1995, p. 11), uma vez que não existe apenas uma normativa da língua germânica vigente como padrão.

Para além do panorama pluricêntrico adotado como característica do idioma alemão, deve-se ressaltar conjuntamente a abrangência de variações dialetais tanto na Alemanha, quanto nos outros países citados acima com tal idioma como língua oficial e, finalmente, Estados que abarcam o alemão também como língua minoritária, vide o Brasil e suas variantes germânicas, tendo como exemplo o *Hunsrückisch* e o *Pommeranisch* (SAVEDRA, 2011, p. 292) dentre outras existentes predominantemente no sul brasileiro. Da mesma forma, a Alemanha é berço de inúmeros dialetos, desde os mais antigos e tradicionais *Bayerisch* (Bávaro) e *Alemannisch* (Alemânico), até outros um tanto mais recentes como o *Westfälisch* (Westfaliano) e o *Sächsisch* (Saxão), sendo este último o que se dará foco neste artigo.

Destarte, uma vez que o alemão se originou a partir de uma variedade ampla de dialetos, tal característica continua viva no cerne da existência da língua, ainda que tenha sido unificada após a tradução bíblica revolucionária de Martinho Lutero e que a variante padrão *Hochdeutsch* tenha sido estabelecida como norma. Portanto, conserva-se a singularidade intrínseca ao idioma alemão da pluralidade comunicativa dentro de uma mesma língua. Consoante Savedra,

A língua alta (*die Hochsprache*) não é mais aquela que se diferencia dos dialetos falados em diferentes regiões geográficas ou ainda dos dialetos regionais de determinadas cidades. A *Hochsprache* é a língua oficial, que se diferencia da língua coloquial e dos dialetos através de sua pronúncia, vocabulário e regras gramaticais, estabelecidas pela norma linguística do padrão vigente. (S, 2011, p. 287-288).

Ademais, partindo do paradigma das distintas manifestações do alemão, foi conferido, a partir do ano de 2004, o caráter de oficialização da presença, importância e particularidade cultural dos e aos dialetos em território germânico com a criação dos dicionários das variações linguísticas alemãs (*Variantenwörterbücher*). Com a proposta de documentar oficialmente os diversos léxicos das variações vernaculares não só da Alemanha, como também da Suíça, Áustria e outros países, os dicionários dialetais surgem para suprir a necessidade de entendimento da língua cotidiana falada nas diferentes regiões em que predominantemente se encontram. Além do papel firmar a existência e listar os componentes vocabulares de cada dialeto, esses glossários promovem grande acessibilidade de conhecimento não só dialetal, como também cultural tanto para nativos da língua, quanto para não-nativos, visto que trazem consigo não somente um catálogo lexical direto e sintético, mas

também curiosidades e características sociolinguísticas presentes em cada dialeto e/ou região falada (AMMON, 2016, p. 212).

Depreende-se, pois, que há uma constante busca pelo equilíbrio do respeito às variações linguísticas de dialetos devido a questões culturais e regionais, ainda que haja a determinação de formas *standard* normativas do *Hochdeutsch* para fins de formalidade. Vale ressaltar que o Estado da República Federativa Alemã, em decisão judicial do Tribunal Constitucional Federal da Alemanha, estabelece que não se pode haver restrições quanto à forma e ao modo de escrita ou fala do idioma alemão a qualquer cidadão, desde que fora do sistema de ensino (SAVEDRA, 2011, p. 288). Sendo assim, confirma-se que os dicionários das variantes representam um papel de suma importância na questão identitária regional em território alemão, visto que representam, ao menos em parte, características peculiares de cada local onde é falado, trazendo consigo partículas de identificação a seus falantes em diversas escalas.

***Sächsisch*: da ascensão a partir de Lutero ao desprestígio social**

Como apontou-se nas seções 2 e 3 deste artigo, o processo de formação da língua alemã foi composto de fases em que se desenvolvia o alemão padrão (*Hochdeutsch*) concomitante à presença de dialetos. Dentre esses dialetos considerados antigos, tem-se o *Sächsisch*, variação advinda do estado da Saxônia, no leste da Alemanha. Durante a história, foi reconhecido como central durante a era do *Frühneuhochdeutsch* do século XVI, a fase anterior do alemão contemporâneo, devido à figura revolucionária de Martinho Lutero, o qual era originário desta região, falava e se identificava com tal dialeto.

Na época em que Lutero viveu, o território que se conhece na atualidade como Alemanha era segmentado em diversas regiões autônomas, ainda com características políticas feudais. Destarte, havia neste período uma variedade linguística de caráter profundo e diverso, contexto no qual palavras fonética e semanticamente similares em sua etimologia possuíam significados totalmente dissidentes do original, dependendo da região em que eram faladas (SOLMS, 2001, p. 43). Lutero, portanto, se dedicou, em sua tradução da Bíblia, a identificar e utilizar palavras que seriam facilmente compreendidas por indivíduos de qualquer região, independentemente de sua bagagem literária, o que Solms nomeia de “*Literarizität*” (literalmente, “literaricidade”), referindo-se ao nível de escolaridade e arcabouço léxico-cultural.

Dessa maneira, além de espalhar a palavra cristã para o povo alemão de forma democrática, o desenrolar da transliteração bíblica para o alemão também serviu um papel importantíssimo na unificação linguística germânica. Entretanto, sabe-se que a língua é dotada de ideologias e intencionalidades discursivas (FIORIN, 1997, p. 36), e que a neutralidade linguística não é de fato alcançável. Nesta linha de raciocínio, entende-se que a democratização vocabular realizada por Lutero não torna o discurso bíblico neutro, pois este foi carregado de peculiaridades de seu próprio dialeto, o *Sächsisch*. Ademais, considera-se que, de fato, a imprensa de Gutenberg serviu de propulsor para a distribuição do livro sagrado a todo território germânico, influenciando e promovendo consigo a unificação da língua (SOLMS, 2001, p. 35) e a massificação do dialeto saxão, o qual posteriormente foi alavancado ao posto de *Hochdeutsch*, padrão de nível *standard* (PEßLER, [s. d.]), ainda que a existência de outros dialetos continuasse perene em suas respectivas regiões.

Entretanto, devido a conflitos político-territoriais, ocasionou-se a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), na qual a região da Saxônia foi ocupada pela então Prússia. Devido a isso, houve diversas trocas linguísticas entre prussianos e saxões, fenômeno que foi mais contundente na mudança do glossário prussiano, os quais adquiriam léxicos da língua vernacular saxã, modificando apenas a pronúncia desses termos (PEßLER, [s. d.]). A partir da vitória da Prússia no ano de 1763 sobre o território e a população da Saxônia, firmou-se entre ambos os grupos a relação de dominador-dominado, sendo o primeiro dado como *status* dos prussianos e o segundo como dos saxões. Nesta relação hierárquica, comum de empreitadas colonizatórias, promoveu-se a inferiorização de características inerentes aos dominados, sendo no caso sociolinguístico a ridicularização da pronúncia saxã dos sintagmas alemães, iniciando assim uma era de zombarias e estereotipagens ao *Sächsisch* que perdura ainda nos dias de hoje (REGEV, 2021). Outrossim, os estigmas então atrelados aos saxões se davam pela falta de pronúncia de consoantes fortes como ‘t’ e ‘k’, sendo substituídas pela consoante suave ‘g’; pela indiferenciação entre os fonemas ‘ch’ (suave) e ‘sch’ (forte) utilizando apenas o ‘sch’; e o encurtamento de palavras, particularidades no falar que foram taxadas como preguiçosas e “insultuosas aos ouvidos” (REGEV, 2021).

Tem-se, pois, segundo Peßler, a reorientação do eixo cultural, o qual não mais se baseia nos conformes saxões, mas sim nos padrões da Prússia, ainda que carregassem consigo influências do povo da Saxônia camuflados em seus ditames. Adjunto do redirecionamento do polo de influência, cria-se, portanto, uma cultura de preconceito linguístico (BAGNO,

1999, p. 9-10) que permeia o imaginário social alemão em torno da desvalorização da produção linguístico-cultural saxã, que evolui à xenofobia intranacional.

Por conseguinte, no fim do século XIX, a Alemanha se torna um Estado independente poderoso com grande e rápido desenvolvimento industrial, desestabilizando a balança de poder do Concerto Europeu (SARAIVA, 2007, p. 82-83). Devido a esse e outros fatores, no século seguinte, entreveram-se diversos conflitos de escala global, sendo o Estado alemão uma das figuras centrais e que, ao desenrolar da Guerra Fria, estabeleceu-se a segmentação do território alemão entre a Alemanha Ocidental, de caráter político-econômico capitalista alinhado aos Estados Unidos, e a Alemanha Oriental, de caráter socialista perante a União Soviética. Destarte, encontravam-se, a partir de 1949, “dois Estados dentro da Alemanha”⁵ (FRITSCH-BOURNAZEL, 1979, p. 37, tradução minha), de que a Saxônia fazia parte na seção socialista ao leste geográfico.

Como consequência da bipartição da Alemanha em conjunto do acirramento das relações entre sociedades capitalistas *versus* socialistas, prolifera-se no Estado germânico uma divisória para além dos limites físicos do Muro de Berlim, cultivada no pensamento coletivo entre os que foram chamados de ‘Ossies’ – denominação da população oriental do país sob o olhar ocidental – e ‘Wessies’ – grupo ocidental sob o olhar oriental –, em que são concebidos estereótipos pejorativos de ambos os lados, mas principalmente em relação à massa socialista (REGEV, 2021). De um lado, estabelece-se a visão de que o Oeste alemão é lar de desenvolvimento, riquezas e produtor do padrão cultural ‘correto’, ao passo que o Leste é visto como local de retrocesso, de pessoas preguiçosas e incompetentes. Desse modo, percebe-se que para além do estigma carregado desde o século XVIII pelos saxões, soma-se com isso os estereótipos e as depreciações atreladas aos preconceitos firmados pela divisão binária ocorrida na Guerra Fria, concepções às quais Stickel se refere como “ter o muro [de Berlim] na cabeça” (STICKEL, 2001, p. 63), de forma a somente acentuar a marginalização já existente para com o dialeto *Sächsisch* e seus falantes.

Dialeto saxão após a queda do Muro de Berlim

Após a reunificação alemã (*Deutsche Wiedervereinigung*) ocorrida no ano de 1989, fundou-se a República Democrática da Alemanha, reunindo as antigas regiões Oriental e Ocidental. Entretanto, as diferenças político-econômicas entre ambos os setores geográficos permanecem visíveis na atualidade, mesmo que estejam menos extremas quanto à época da

⁵“Zwei Staaten in Deutschland“ (FRITSCH-BOURNAZEL, 1979, p. 37).

separação. Em dados de pesquisas acerca da situação socioeconômica alemã, realizada em 2012 pela instituição Friedrich-Ebert-Stiftung, indica-se que o Leste do país enfrentava a taxa de 10,7% de desemprego, enquanto o Oeste permanecia em 5,9% (ALBRECH, 2015, p. 12). Consoante reportagem de Dana Regev para o jornal Deutsche Welle, na época vigente, tem-se a elevada migração intranacional em direção ao Oeste da Alemanha devido a maiores índices de oportunidades de emprego em comparação com a antiga região socialista (REGEV, 2020). Tendo isso em vista, traça-se o raciocínio de que para além das consequências econômicas e sociais presentes no contexto atual, há o reforço de estereótipos acerca da população leste, incluindo a saxã, devido à falsa confirmação no imaginário social de que tais dados atestam a suposta incompetência de tal povo.

Nessa conjuntura de duplo preconceito, a população saxã carrega consigo estigmas reafirmados ainda nos dias que correm sobre sua aparente preguiça ao falar e não conformidade com a gramática normativa. Acerca disso, a pesquisa de campo de Gerhard Stickel entre os anos de 1998 e 1999, em que o autor entrevistou dois mil germano-falantes, os quais foram divididos em metade oriundos da região oeste e metade do leste, demonstra fatores interessantes e marcantes no entendimento da concepção coletiva do *Volk* historicamente capitalista em relação à população da antiga Alemanha oriental. Dentre diversas perguntas, duas são centrais na reflexão deste artigo: a primeira, questiona-se se há, notavelmente, diferenças linguísticas na relação Leste-Oeste, com a possibilidade de resposta entre ‘sim, muitas’, ‘sim, algumas’ e ‘não, nenhuma notável’ (STICKEL, 2001, p. 53), às quais 40,4% replicaram a segunda opção. O outro questionamento, por sua vez, indaga aos entrevistados ‘Wessies’ quais dois aspectos ou palavras consideradas ‘típicas do leste alemão’ lhes dizem maior respeito, em que a segunda resposta mais frequente se deu sobre o dialeto saxão e sua entonação (STICKEL, 2001, p. 56). Evidencia-se, portanto, que a imagem dos ‘Ossies’ é repetidamente atrelada à população da Saxônia e ao *Sächsisch* propriamente dito, carregando contundente carga pejorativa direcionada a um povo formador da sociedade germânica atual a despeito de, paradoxalmente, terem como lema nacional hodierno a promoção da diversidade, multiculturalidade e identidade plural como parte integrante de um país globalizado e desenvolvido.

A partir deste pressuposto, entende-se que há uma evidente contradição entre a cultura plural estabelecida desde a origem do Estado alemão e a constante perseverança em relação à continuidade de preconceitos linguísticos frente ao dialeto saxão. A título de exemplificação, Regev relata situações degradantes a saxões presenciadas por ela no cotidiano da vida como

imigrante em território alemão, ocasiões às quais ela se refere como comuns, principalmente ao *Sächsisch* e menos frequente em associação a outros dialetos (REGEV, 2020). Sendo assim, pode-se vir a pensar erroneamente que esse fenômeno, apesar de danoso devido à estigmatização de todo um povo, permanece apenas no campo linguístico, sem provocar maiores revezes a seus falantes. Entretanto, faz-se contundente a extrapolação dos julgamentos para além da língua, uma vez que indivíduos são taxados como incapazes de produtividade e intelectualidade e, como exemplifica Regev em sua reportagem, na qual menciona o caso em que uma pessoa germânico-ocidental insinuou que “nunca namoraria alguém [que fala] com sotaque saxão⁶” (REGEV, 2020). Em outras palavras, torna-se inequívoco que o tratamento discriminatório para com o dialeto saxão é manifestadamente prejudicial a seus falantes, os quais sofrem micro agressões diárias que lhes impedem de exercer, entre outros, seu direito de expressão linguística e identitária regional.

Considerações finais

A partir dos argumentos expostos neste artigo, compreende-se, apesar de não se pretender esgotar o assunto, que o alemão se origina de um desenvolvimento plural, diverso e culturalmente rico, sendo uma língua de fato antiga, carregada de tradições, mas que também é adensada de modificações e variantes – consideradas *standard* ou não –, tendo como característica marcante o seu pluricentrismo. Faz-se de grande importância exaltar, outrossim, as medidas de valorização das variantes dialetais vernaculares através dos dicionários das variações linguísticas conhecidas (*Variantenwörterbücher*), concedendo-lhes legitimidade e promovendo sua perpetuação no corpo social alemão.

Entretanto, percebe-se que, em meio ao discurso favorecedor da diversidade e multiculturalidade em todas as suas instâncias, há, paradoxalmente, extrema estigmatização do dialeto *Sächsisch* e discriminação para com o povo da Saxônia, apesar da centralidade dada a esta forma linguística na formação do idioma alemão devido à transliteração de Martinho Lutero da Bíblia e massificação de seu dialeto a todo o território germânico, propiciando a unificação do *Volk* através do estabelecimento da comunidade comunicativa (*Kommunikationsgemeinschaft*). Em contrapartida, torna-se inquestionável que este preconceito se encontra intrínseco no imaginário social devido à criação da cultura da discriminação aos saxões oriundo de conflitos colonialistas, com ocupação da Prússia na Saxônia na Guerra dos Sete Anos, e neocolonialistas, com a secção da Alemanha entre

⁶ “[ich könnte] niemals jemanden daten mit einem sächsischen Akzent.” (REGEV, 2020).

regiões de sistemas econômicos opostos em meio à bipolarização da Guerra Fria. Não se pode, porém, isentar a sociedade de responsabilidade sobre seus atos preconceituosos – sejam eles linguísticos ou não – e sobre a falta de valorização de uma variação da língua germânica fundamental para o que o alemão é e representa hodiernamente. Visto que a realidade da Alemanha contemporânea globalizada se volta ao prestígio da diversidade cultural, de gênero, orientação sexual e outros aspectos sócio-identificativos, fica notória a contradição entre seu discurso ideológico e suas atitudes factuais para com o *Sächsisch* e a Saxônia em si.¹

Referências Bibliográficas

ALBRECH, Joachim *et al.* **Ungleiches Deutschland: Sozioökonomischer Disparitätenbericht** 2015. Berlim: Friedrich- Ebert Stiftung, 2015.

AMMON, U. *et al.* **Variantenwörterbuch des Deutschen: Die Standardsprache in Österreich, der Schweiz, Deutschland, Liechtenstein, Luxemburg, Ostbelgien und Südtirol sowie Rumänien, Namibia und Mennonitensiedlungen.** 2. ed. Berlim: Walter de Gruyter, 2016. p. 210-213.

AMMON, Ulrich. **Die deutsche Sprache in Deutschland, Österreich und der Schweiz: Das Problem der nationalen Varietäten.** Berlim: Walter de Gruyter, 1995. p. 1-17.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FRITSCH-BOURNAZEL, Renata. **Die Sowjetunion und die deutsche Teilung: Die sowjetische Deutschlandpolitik 1945-1979.** Opladen: Westdeutscher Verlag, 1979.

KELLERMEIER-REHBEIN, Birte. **Standard oder Nonstandard? Ungelöste Probleme der Abgrenzung.** in SCHNEIDER-WIEJOWSKI, K. *et al.* **Vielfalt, Variation und Stellung der deutschen Sprache.** 1. ed. Berlim: Walter de Gruyter, 2013. P. 3-22.

PEBLER, Diana. Sächsische Hochsprache. **Deutsche Welle**, Bonn, [s. d.]. Disponível em: <https://www.dw.com/de/s%C3%A4chsische-hochsprache/a-4246184>. Acesso em: 11 maio 2021.

REGEV, Dana. Deutsche Wiedervereinigung: Was Ost und West noch trennt. **Deutsche Welle**, Bonn, 03 de out. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/de/deutsche-wiedervereinigung-was-ost-und-west-noch-trennt/a-55120130>. Acesso em: 25 mar. 2021.

SARAIVA, José Flávio Sombra. **História das relações internacionais contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização.** 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

SAVEDRA, M. M. G. O desenvolvimento da língua alemã. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. Brasília: Parábola, 2011. p. 277-298.

SOLMS, Hans-Joachim. Martin Luther und die deutsche Sprache. In: KÜHN, I. *et al.* **Ost-West-Sprachgebrauch: zehn Jahre nach der Wende**. 21. ed. Opladen: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2001. p. 35-50.

STICKEL, Gerhard. Ost- und westdeutsche Spracheinstellungen. In: KÜHN, I. *et al.* **Ost-West-Sprachgebrauch: zehn Jahre nach der Wende**. 21. ed. Opladen: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2001. p. 51-64.

ⁱ Destaco nesta seção meus agradecimentos ao professor Leandro da Silva Gomes Cristóvão, docente do Bacharelado de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (CEFET-RJ), pelo incentivo para execução deste artigo e pela escrutinada revisão do mesmo.